



GEOGRAFIAS AUTÔNOMAS EM DUBLIN: INOVAÇÕES EM SUSTENTABILIDADE, APRENDIZAGEM SOCIAL E ESTILOS DE VIDA SUSTENTÁVEIS EM TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIA

LAURA MARTINS DE CARVALHO¹

Innovate Ballymun, Dublin City University, Dublin, Ireland

Email: laura.carvalho@dcu.ie

RESUMO

Nos últimos anos é crescente o interesse em ações comunitárias, com foco em inovações em sustentabilidade e na promoção de estilos de vida sustentáveis. **No entanto, existem poucas** pesquisas que se dedicam a analisar as relações entre geografias autônomas, inovações em sustentabilidade, aprendizagem social e estilos de vida sustentáveis. O presente artigo analisa dados sobre um Centro Social Autônomo, com sede em Dublin, denominado 'Seomra Spraoi'. Esta pesquisa procura identificar se o referido Centro é um espaço fértil para inovações em sustentabilidade, aprendizagem social e se estimula – ou não – estilos de vida sustentáveis. Um método misto de coleta de dados foi utilizado para a investigação: um questionário semi-estruturado para realizar entrevistas qualitativas com ativistas envolvidos na gestão do Centro e com voluntários que trabalham ali (9 participantes) a fim de estabelecer como as inovações em sustentabilidade e a aprendizagem social acontecem no local, e um questionário quantitativo enviado para os 'fãs da página do Facebook' (287 participantes), para verificar o nível de conhecimento dos participantes acerca de questões ambientais e verificar se eles se empenham em um estilo de vida sustentável. Os resultados revelam que o 'Seomra Spraoi' é um espaço onde a inovação, a sustentabilidade e a aprendizagem social, ocorrem *de fato* no projeto da 'Oficina de Bicicleta' e, *em certa medida*, no 'Seomra Café'.

Os resultados também revelam que as atitudes dos fãs da página do Centro no Facebook são mais sustentáveis no que se refere aos alimentos que consomem e ao tipo de transporte que utilizam. Nesse sentido, os participantes indicam ter preocupação ambiental em grau mais elevado quando comparado com o resto da população irlandesa. Por fim, a pesquisa conclui que geografias autônomas podem propor e implementar **ações inovadoras em** sustentabilidade, aprendizagem social e promover estilos de vida sustentáveis em um contexto de desenvolvimento sustentável de base.

Palavras-chaves: Geografias autônomas na Irlanda • inovações em sustentabilidade de base • aprendizagem social • estilos de vida sustentáveis.

1 Laura Martins de Carvalho é pesquisadora no Innovate Ballymun, Dublin, Irlanda (<http://www.innovateballymun.org/>).



ABSTRACT

In recent years, there has been an increased interest in grassroots and community-based actions focusing in sustainability innovation and the promotion of sustainable lifestyles. However, there are few researches linking autonomous geographies with sustainability innovation, social learning and sustainable lifestyles. In this research I analyse one autonomous social centre based in Dublin, Seomra Spraoi, to find if the Centre is a fruitful space for sustainability innovation, social learning and if it promotes sustainable lifestyles. A mixed method of data collection was used: semi-structured qualitative interviews with the people involved in managing the centre and long-term volunteers (9 participants) to establish how sustainability innovation and social learning take place in the Centre and a quantitative survey with the centre's Facebook page supporters (287 participants) to verify their level of environmental awareness and if they engage in a sustainable lifestyle. The findings reveal that Seomra Spraoi is a space where sustainability innovation and social learning de facto occurs in the project of The Bicycle Workshop and to some extent in the Seomra Café.

The findings also reveal that the attitudes of the Centre's Facebook page supporters towards food and transport use are more sustainable and the overall environmental concern is higher when compared to the rest of the Irish population. Finally, this research concludes with the contributions autonomous geographies can provide in terms of sustainability innovations, social learning and the promotion of sustainable lifestyles in a grassroots sustainable development context.

Keywords: *Autonomous geographies in Ireland • grassroots sustainability innovation • social learning • sustainable lifestyles.*

AGRADECIMENTOS

Laura Martins de Carvalho recebeu uma bolsa de estudo do exinto Comitês de Formação Profissional (órgão de educação local oficial da República da Irlanda) para estudar o Mestrado em Ciência em Meio Ambiente e Desenvolvimento no Trinity College Dublin (2011-2012). Esta publicação é uma adaptação do projeto de dissertação final para o mestrado. A autora também gostaria de agradecer as professoras Anna Davies e Clionadh Raleigh por sua supervisão acadêmica e sugestões metodológicas, e Grainne Griffin e Miren Malein do Seomra Spraoi, que ofereceram apoio ilimitado para a realização da pesquisa no Centro.

INTRODUÇÃO

O conceito 'geografias autônomas' foi utilizado durante a revisão bibliográfica de um estudo intitulado 'De Ação de base

para Empreendimentos Sustentáveis: inovação no nível mais baixo'. As 'Ações de Base' – ou empreendimentos sustentáveis de base – são considerados espaços democráticos altamente proveitosos para o desenvolvimento de práticas baseadas na aprendizagem social e na experimentação (Seyfang e Smith, 2007). Geografias autônomas partilham muitas semelhanças com empreendimentos sustentáveis de base, tais como: a) fazem parte da economia social; b) são ideologicamente concebidos c) atendem uma necessidade social. No entanto, geografias autônomas são claramente ideológicas em termos de princípios – principalmente libertários – e promovem um questionamento radical do contexto político e social. Muitas geografias autônomas oferecem espaços estratégicos para outras ações de base ou grupos de ativistas para se encontrarem e realizarem suas atividades.



De acordo com Pickerill e Chatterton (2008, p.12), esses espaços, “onde se exercem questionamentos de leis e normas sociais, além de um desejo de criar formas não-capitalistas de convivência”, são terrenos férteis para ações de base autônomas, para criação de técnicas participativas e de conhecimento social fora das esferas públicas ou privadas. Nesse sentido, geografias autônomas podem potencialmente prover espaço para o exercício da aprendizagem social, para o desenvolvimento de inovações em sustentabilidade, assim como para a promoção de estilos de vida sustentáveis. Além disso, geografias autônomas podem ser encontradas em países desenvolvidos e/ou em desenvolvimento, e em diferentes graus e formas, ao longo da história da humanidade. O que as torna tão atraentes é o fato de que elas encarnam o próprio espírito da autonomia e resiliência, atemporais e universais (Castoriadis, 1991).

No Reino Unido e em muitos outros países, esses espaços são abundantes e uma vasta literatura acadêmica aborda o tema (Holm e Kuhn, 2011; Hodkinson e Chatterton, 2006; Montagna, 2006; Pickerill e Chatterton, 2006; Wall, 2005; Chatterton, 2004). Entretanto, na Irlanda há poucas geografias autônomas e até o presente momento, pouco reconhecimento acadêmico. Contudo, o Centro Autônomo de Dublin, Seomra Spraoi, vem sendo discutido, em parte, na literatura acadêmica que aborda temas como movimentos anti-capitalismo e movimentos sociais (Cox e Curry, 2010; Cox, 2007).

Esses espaços autônomos são auto-financiados e não recebem qualquer tipo de apoio financeiro, seja de instituições públicas e/ou do setor privado. Nesta pesquisa, observou-se como as redes de ativistas e voluntários envolvidos no referido

Centro geram soluções para responder às necessidades da comunidade ativista, seus interesses e valores. Analisou-se também, como esses valores, que dependem de tipos específicos de habilidades e recursos, são traduzidos em ações onde a inovação em pequena escala, a aprendizagem social e estilos de vida sustentáveis florescem longe de mercados mais amplos e da política convencional.

Geografias Autônomas: um breve quadro histórico e teórico

Centros Sociais Autônomos, espaços autônomos ou Centros Sociais Ocupados são amplamente encontrados em países como Itália, Alemanha, Espanha, Reino Unido, Holanda, Polônia, Grécia, França e contam com uma vasta literatura acadêmica que discute sua história, composição, ações e objetivos. Muitos deles possuem uma ligação com movimentos da classe trabalhadora (Holm e Kuhn, 2011; Cox, 2007; Hodkinson e Chatterton, 2006; Montagna, 2006; Pickerill e Chatterton, 2006; Wall, 2005; Chatterton, 2004). No entanto, o contexto histórico, social e político de cada país condiciona a maneira como a ocupação desses espaços ocorreu e como se deu a prática de autonomia.

A Itália tem uma longa história de ocupação de edifícios abandonados e de retomada de **espaços condenados para** o uso comum, do ponto de vista político e social, intimamente ligados à tradição socialista-marxista do país (Mudu, 2004; Wright, 2002; Klein, 2001). Na Espanha, as ações dos movimentos autônomos (Autonomistas) e movimentos anarquistas rurais relacionados ao Movimento Camponês Anarquista e ao Movimento Urbano anarco-sindicalista, levaram à consolidação da CNT (Confederación Nacional del Trabajo),



e à noção generalizada do uso político e social de espaços abandonados ou condenados, que hoje são encontrados nas formas de edifícios (e construções) ocupadas, seja para habitação ou para atividades sociais (Martinez, 2011; Woodcock, 1962).

O Movimento Urbano na Alemanha, particularmente na cidade de Berlim, teve um papel fundamental na criação de políticas de habitação urbana, sendo protagonista na transição para uma renovação urbana cautelosa durante a década de 1980 (Holm e Kuhn, 2011). Na Holanda, as ocupações tornaram-se uma demanda popular a partir da década de 1960 devido à falta de habitação em áreas urbanas junto com numerosas propriedades abandonadas. Este movimento levou à criação de uma lei chamada 'paz doméstica' que sinaliza que qualquer pessoa tem o direito de viver em uma casa ou edifício, mesmo que ocupados ilegalmente (Poldervaart, 2001).

O que todos os países mencionados acima têm em comum é o fato de que os Movimentos de Ocupação, Centros Sociais Autônomos, espaços autônomos ou Centros Sociais Ocupados estão conectados a um forte ativismo político de esquerda e movimentos socialistas presentes na história do continente (no século XIX e na primeira metade do século XX). Do ponto de vista histórico, o Reino Unido e a Irlanda não tiveram realmente um movimento de esquerda generalizado, nem possuem uma tradição política socialista institucionalizada em partidos, tampouco grandes movimentos sociais de cunho socialista (Cox e Curry de 2010; Cox, 2007; Hodkinson e Chatterton, 2006).

No entanto, no Reino Unido, os centros sociais e as experiências de autonomia em áreas urbanas aconteceram nas formas de movimentos anarquistas, punk e da

cena DIY² durante a década de 1970, que evoluiu para a mobilização social contra a tributação e em muitas outras formas de protestos sociais. Devido à ação desses movimentos populares, os movimentos de ocupação foram considerados legítimos durante a década de 1990 no Reino Unido (Hodkinson e Chatterton, 2006). Independentemente do país, todos esses movimentos e experiências sociais reivindicaram autonomia social e política.

O termo 'autônomo' deriva do conceito grego de auto-nomos e significa auto-governo ou auto-gestão. Em um cenário contemporâneo, ou seja, a partir da década de 1990, o termo autonomia foi reapropriado por movimentos anti-globalização, que reivindicavam mais solidariedade entre as pessoas e entre os países. Na década de 1990, viu-se o advento da transnacionalização desses movimentos, especialmente no Reino Unido e nos EUA, na forma de protestos contra as instituições de Bretton Woods e contra as grandes corporações **multinacionais que buscam** lucro a um alto custo humano e ambiental (Pellow de 2007; Wall, 2005).

Na Irlanda, de acordo com Cox e Curry (2010, p.89), durante as décadas de 1970 e 1980, os movimentos sociais irlandeses foram moldados por 'parcerias sociais', que significa que somente através de parcerias com órgãos ou instituições governamentais, eles teriam suas necessidades atendidas. Os movimentos que foram contestados, tais como "o movimento pela paz em oposição ao apoio crescente da Irlanda com a estratégia militar dos EUA e da Europa (...); sindicalistas que rejeitam o neo-liberalismo; ecologistas da UE que se opõem à política do estado de 'desen-

2 Do It Yourself



volvimento a qualquer custo' e feministas e anti-racistas que vêem o Estado como parte do problema ao invés de uma ferramenta para a sensibilização", compuseram o movimento que organizou os protestos irlandeses de anti-globalização, juntamente com os "elementos da esquerda não-institucional e comunidades pobres que foram marginalizadas pelo Estado".

A partir da década de 1990, a luta anti-globalização pôde ser identificada em toda a sua diversidade, tendências ideológicas e valores transnacionais (Hodkinson e Chatterton, 2006; Wall, 2005). Por exemplo, na América Latina, muitos movimentos ambientais indígenas já desenvolviam práticas de sustentabilidade e conservação muito antes da Cúpula da Terra, de 1992, ter lançado os objetivos do Desenvolvimento Sustentável (Hernandez, 2010). Muitos ativistas de comunidades afro-americanas nos EUA organizaram um movimento de justiça ambiental, a fim de impedir que as autoridades locais construíssem um incinerador em suas áreas (Pellow, 2007); no Reino Unido, grupos de ação direta como *Earth First!*, *Dissident!* e *People's Global Action* começaram como uma network que existe hoje em vários países (Rootes, 1999).

Estas e muitas outras redes de movimentos anti-globalização podem ser encontradas em todo o mundo e em diversas formas. Essas networks são em sua maioria completamente informais; operam em diferentes escalas (local, nacional e global) e possuem preocupações de natureza diversa. É esta natureza nômade e de rede que compõe um movimento anti-globalização. Eles não procuram escritórios ou representação oficial e normalmente têm sua base em grandes organizações de base ou em movimentos de base (Hernandez, 2010; Hodkinson e Chatterton, 2006;

Rootes, 1999). Assim, embora este estudo tenha como foco geografias autônomas, não se poderia deixar de abordar parte da literatura que discute movimentos sociais e ambientais, pois estes possuem um relacionamento intrínseco uns com os outros. Enquanto um movimento é uma rede de pessoas unidas por uma única ou por múltiplas causas – o que traz em si o potencial para ser a massa crítica necessária para a formação de um espaço autônomo – as geografias autônomas são o espaço físico onde esses grupos e redes articulam suas atividades (Pellow, 2007; Pickerill e Chatterton, 2006; Wall, 2005).

Geografias autônomas são compostas por indivíduos comprometidos, ou seja, ativistas que se dedicam a essas atividades, motivados por sentimentos de indignação, esperança, paixão, solidariedade, entre outras emoções que se relacionam à necessidade dos ativistas de ações coletivas solidárias e relações sociais pós-capitalistas (Chatterton e Pickerill, 2010; Brown e Pickerill, 2009). Em termos de seus aspectos físicos, geografias autônomas "são lugares que podem ser ocupados, alugados ou cooperativamente apropriados, e que incluem elementos tais como livrarias, cafés e bares, cooperativas de alimentos, lojas livres, espaço para reuniões, eventos culturais/políticos e atividades educacionais. O que os diferencia de centros comunitários estabelecidos é o desejo de serem autônomos e auto-geridos, utilizando formas de democracia direta" (Pickerill e Chatterton, 2006, p. 3).

Geografias autônomas em Dublin: Seomra Spraoi

Cox e Curry (2010, p. 90) identificaram na Irlanda a expressão formal dos movimentos anti-globalização durante o final



dos anos 1990 e início da década de 2000, nas formas do Fórum Social irlandês (Irish Social Forum), People Before Profit, Another Europe is Possible, Anti-War Movement, a na rede de esquerda libertária Grassroots Gathering e mais recentemente, “no desenvolvimento do Centro Social Seomra Spraoi em Dublin e projetos aliados em outros lugares”. Os autores afirmam (2010, p. 90) que o Grassroots Gathering “ênfatizam estratégias de organização de baixo para cima e não de cima para baixo, com vistas a rejeitar abordagens centradas no Estado. As reuniões ocorrem semestralmente com ativistas envolvidos em diferentes movimentos e campanhas, e não focam apenas na tomada de decisão, mas em discussões e workshops que visam partilhar experiências e competências”.

Ethos semelhantes são encontrados nos valores operantes do Centro ‘Seomra Spraoi’ e em seu ambiente organizacional, que se manifestam nos ‘Objetivos e Princípios’ do espaço, que fornecem as bases para as atividades que acontecem ali, bem como esclarece que tipo de comportamento não é tolerado. Sen (2010, p. 1000) identificou os valores baseados na autonomia e auto-gestão, transparência, inclusão e organização horizontal como ‘Política Aberta’ (Open Politics) argumentando que “é uma forma de organização e estrutura que permite uma nova forma de política com base nos princípios de auto-organização, sem fronteiras, na indeterminação e aprendizagem orgânica e reprodução”.

Nesta pesquisa, verificou-se se esta horizontalidade, inclusão, solidariedade e cooperação existente no centro social autônomo Seomra Spraoi, oferece (ou não) um terreno fértil para idéias políticas, sociais e ambientais, assim como práticas que ajudam a gerar inovações em sustentabilidade,

de, aprendizagem social e estilos de vida sustentáveis.

MÉTODOS

A metodologia utilizada para a coleta de dados foi dividida em três etapas: análise de conteúdo do website do Seomra Spraoi; um questionário semi-estruturado para realização de entrevistas qualitativas com ativistas envolvidos na gestão do Centro (n=4) e voluntários (n = 5); e um questionário quantitativo sobre estilo de vida sustentável enviado através do Facebook. Em relação às entrevistas qualitativas, quatro delas foram realizadas no Centro, de 16 de maio até o dia 31 de julho de 2012, com pleno consentimento dos participantes. As outras cinco entrevistas foram respondidas por e-mail. A confidencialidade da identidade dos entrevistados foi garantida, assim como a do conteúdo do que eles disseram, portanto os nomes que identificam as citações das pessoas que foram entrevistadas são pseudônimos. De 15 possíveis candidatos para a entrevista qualitativa, 9 aceitaram participar. Para a última etapa, estruturei um questionário sobre estilo de vida sustentável por meio do *Survey Monkey*³. Este questionário foi adaptado a partir do *All-Island Lifestyle Survey*⁴ (Estilo de Vida Irlandês), conduzido em 2011 em toda ilha da Irlanda, cujo uso foi autorizado pela professora Anna Davies.

Usando o recurso de contato de mensagem do Facebook, entrei em contato com 298 usuários que curtem a página ‘Seomra Bike’ e com 1.013 usuários que curtem a página ‘Seomra Spraoi’ no Facebook. A quantidade total de pessoas contactadas em ambas as páginas é 1.311, das quais 287 terminaram de responder o questionário

3 <https://www.surveymonkey.com/>

4 <http://www.consensus.ie/lifestyle-survey/>



completamente.

Inovações em Sustentabilidade em Geografias Autônomas

No cenário internacional, os esforços para um futuro sustentável foram definidos pelo documento 'O Relatório Bruntland' (ONU, 1987). O documento sublinha os riscos do uso excessivo dos recursos naturais sem considerar a capacidade de suporte dos ecossistemas. O relatório aponta para a incompatibilidade entre o atual modelo de desenvolvimento e padrões sustentáveis de produção e consumo, afirmando que a pobreza nos países em desenvolvimento e o consumismo extremo de países industrializados são as causas do desenvolvimento insustentável e crises ambientais (ONU, 2012). Em uma tentativa de aprofundar os métodos para alcançar um desenvolvimento sustentável, as Nações Unidas lançaram a Agenda 21 durante a *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, realizada no Rio de Janeiro em 1992. A Agenda 21 procurou estabelecer um novo paradigma que exige uma reinterpretação do conceito de desenvolvimento e progresso, contemplando maior equilíbrio holístico entre o todo e as partes, promovendo qualidade entre as relações sociais e ambientais, e não apenas o crescimento econômico. A fim de atingir este objetivo, o documento estabeleceu a importância do compromisso de cada país e de seu povo para refletir globalmente e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade podem cooperar a fim de encontrar soluções para os problemas socioambientais que a humanidade enfrenta.

No entanto, Seyfang e Smith (2007) chamam a nossa atenção para o fato de

que esferas nacionais, regionais e locais estão comprometidas com o desenvolvimento sustentável até certo ponto, e cada uma dessas esferas, alinhadas com seus próprios interesses. Os autores afirmam que há uma diferença qualitativa na forma como governos, empresas e organizações da sociedade civil agem em direção ao desenvolvimento sustentável. Os autores também apontam como políticas públicas podem ajudar, dificultar ou nutrir as ações da sociedade civil.

No âmbito da sociedade civil é possível encontrar inovações realizadas por grupos comprometidos de indivíduos ou comunidades que procuram adotar práticas com foco no meio ambiente, seja por tomar parte em redes sociais ou por desenvolverem novas tecnologias na área da chamada 'economia social'. Nesse âmbito não há interesses com fins lucrativos corporativos, nem obstáculos sócio-técnicos com vistas a reproduzir as experiências alternativas, o que então possibilita abordagens criativas e vivenciais em direção à sustentabilidade (Seyfang and Haxeltine, 2012; Tang et al., 2011; Pickerill e Chatterton, 2008; Seyfang e Smith, 2007).

Os indivíduos que pensam e realizam inovações de base são "redes de ativistas e grupos da comunidade, gerando novas soluções de baixo para cima para o desenvolvimento sustentável e que normalmente respondem à situação local, aos interesses e aos valores da comunidade envolvida" (Seyfang et al. 2010, p. 67). Estas iniciativas podem ser identificadas em esquemas de agricultura, organizações de reciclagem, sistemas de carona, co-habituação e energias renováveis (Tang et al 2011; Lang, 2010; Davies, 2007; Seyfang e Smith, 2007).



Geografias autônomas não se encaixam estritamente no conceito de empreendimentos sustentáveis de base devido às suas origens. Esses espaços não são resultado do esforço de uma Agenda 21 local, nem de uma empreitada de sustentabilidade ou iniciativa com foco ambiental. Como foi demonstrado anteriormente, geografias autônomas são a evolução de tradições de esquerda e de movimentos anti-capitalistas que condenam muitos aspectos insustentáveis do sistema capitalista, tais como o consumismo excessivo, dependência do petróleo, colapsos ecológicos, entre outros, oferecendo alternativas viáveis para o efeito tóxico e corrosivo das crises sociais e ambientais na vida humana e em seus meios de subsistência (Chatterton, 2008). Neste sentido, devido ao fato de que geografias autônomas possuem uma alta preocupação ambiental, elas são espaços que podem potencialmente gerar práticas sustentáveis inovadoras. Na literatura acadêmica sobre sustentabilidade em espaços autônomos, pode-se encontrar vários exemplos que revelam práticas atuais em sustentabilidade de base, tais como os explicitados a seguir.

Chatterton e Pickerill (2008, p.4) identificam um projeto de desenvolvimento de baixo impacto para uma vida sustentável e autônoma chamado *Lammas Projeto de Assentamento de Baixo Impacto*, que é “uma forma de viver, onde as casas são construídas a partir de produtos reciclados, locais e naturais, e os meios de subsistência são feitos de forma sustentável da terra. (...) As iniciativas são, muitas vezes, de pequena escala - a criação de uma ligação direta entre seus ocupantes, suas necessidades e seus resíduos. (...) Elas são autônomas no sentido de que muitas vezes estão localizadas longe das redes de fornecimento de água, electricidade ou esgoto”.

O *Movimento Zapatista* em Chiapas, no México, tem melhorado a vida de indígenas pobres e marginalizados de áreas rurais, dando-lhes um espaço positivo de resistência longe da exclusão social. Os esforços do movimento não dependem do governo, partidos políticos ou de representação legal, mas de um desejo contínuo de transformar a sociedade (Stahler-Sholk, 2010). Paré et al.(2002, p.2) investigaram como essa configuração organizacional abre terreno para inovações em sustentabilidade: “Este grupo indígena tem apoiado cada vez mais os seus meios de subsistência e sua luta pela sobrevivência através do uso de novos processos e tecnologias em sua vida cotidiana, para fazer da inovação uma capacidade organizacional. O uso da tecnologia tem sido um fator chave para o aperfeiçoamento do bem-estar e da performance ambiental e econômica da comunidade”.

O *Movimento dos Trabalhadores Desempregados* na Argentina foi organizado por trabalhadores que foram despedidos durante a privatização de empresas nacionais na Argentina, na época de Carlos Menem. A eles se juntaram, posteriormente, trabalhadores das empresas privatizadas que entraram em colapso devido à crise econômica causada pela política econômica de imposto de câmbio fixo, o que provocou uma grande recessão que levou à queda do governo de Fernando de la Rúa. O Movimento dos Trabalhadores Desempregados conseguiu provocar uma mudança real para muitas pessoas desempregadas, por meio de uma rede de economia social solidária e empoderamento político através de práticas cotidianas de cooperação coletiva. Essas práticas incluíram a agricultura comunitária e oficinas de troca de habilidades (Chatterton, 2004).



Gilmartins (2009) reconstruiu a história do *Acampamento de Solidariedade em Rossport*, criado em Erris, na República da Irlanda. Originalmente, o acampamento foi criado para apoiar a luta da comunidade local contra a construção de um gasoduto que atravessa o terreno dos residentes locais pela empresa petrolífera Shell. O movimento atraiu a atenção e o apoio nacional e internacional de ativistas políticos e ambientais, da comunidade acadêmica e de cidadãos comuns. Hoje em dia o acampamento inclui sustentabilidade ambiental como um de seus objetivos.

Resultados de Inovações em Sustentabilidade em Seomra Spraoi

A primeira inovação em sustentabilidade que esta pesquisa analisou é a 'Oficina de Bicicleta' no Seomra Spraoi. A Oficina de Bicicleta é coordenada pelos ativistas do Seomra Spraoi envolvidos na gestão do espaço e auxiliada por vários voluntários. A coordenação de um projeto em um contexto de geografias autônomas não significa que as pessoas que o coordenam estejam em uma posição hierarquicamente superior, significa que elas estão envolvidas no projeto por mais tempo, tem um forte conhecimento de mecânica de bicicleta ou são profissionais deste campo. Quem se interessa em participar como voluntário na oficina, não precisa necessariamente ter conhecimento prático de mecânica de bicicleta. Os principais resultados revelam que a oficina de bicicleta somente reutiliza e recicla peças de bicicletas abandonadas ou doadas. A oficina também conta com a participação de voluntários profissionais envolvidos em outros projetos de bicicletas.

"Nós (recolhemos bicicletas) que definitivamente não pertencem a ninguém ou que estão bastante destruídas. Nós também

coletamos bicicletas de lugares como estacionamento de escritórios, parques empresariais ou campus universitário, onde a empresa vai cortar a correia após um certo tempo, se as bicicletas continuam estacionadas lá. Recebemos algumas bikes assim ocasionalmente. Recebemos bikes quando as pessoas se mudam." (Bart, ativista). "Eu ainda recolho peças do meu empregador anterior e eu tento pedir doações nas lojas de bicicletas, alguns deles são ok com a idéia, mas outros preferem simplesmente colocar tudo no lixo." (Matteo, voluntário).

A segunda inovação em sustentabilidade analisada nesta pesquisa é o 'Seomra Café', que atrai a comunidade, ativistas e pessoas que consomem comida vegana. O alimento utilizado no café é inteiramente comprado por um grupo chamado 'Food Action' que também utiliza o espaço para realizar suas reuniões. O grupo é uma cooperativa não-oficial que fornece os meios para pessoas comprarem alimentos integrais e éticos a preços razoáveis, agrupando pessoas interessadas para comprar a preços de atacado. O grupo Food Action é aberto a qualquer pessoa disposta a participar em suas reuniões. Se um participante interessa-se em comprar alimentos através do grupo, ele ou ela tem que contribuir com 120 euros para uma compra mensal de uma variedade de produtos alimentares, cosméticos, limpeza, lavanderia e escritório, de acordo com as necessidades do grupo. Os produtos são comprados através do 'Independent Irish Health Foods Ltd.', um atacadista independente de produtos naturais e veganos (Calaido, 2008).

Os resultados demonstram a importância dada aos meios de compra de alimentos para o Seomra Café através do Food Action, sobretudo no que se refere ao esforço coletivo de auto-organização. Além



disso, também é demonstrada a importância da compra de alimentos que não têm impacto negativo sobre o meio ambiente; de conhecer a proveniência dos mesmos; seu preço real, bem como a compra de produtos éticos, como explicitado a seguir:

“O Seomra Spraoi definitivamente incentiva uma dieta livre de animais e eles compram alimentos através do Food Action, que é uma espécie de cooperativa, eles compram produtos éticos por atacado” (Pablo, voluntário).

No entanto, um entrevistado destacou que nem todos os produtos comprados através do Food Action são éticos:

“(Nós compramos) através do Food Action, mas há alguns problemas com eles que alguns ativistas não gostariam de revelar. Há um tempo atrás, em uma reunião da cozinha, foi feita uma proposta para parar de comprar soja produzida nos EUA. Há direitos humanos, políticos e razões éticas para isso, mas é centrado principalmente no fato de que é praticamente impossível encontrar soja que não seja transgênica na América do Norte há dez anos. E concordamos com isso. No entanto, a própria marca que era problemática (transgênica) foi comprada no seguinte pedido de alimentos do café.” (Patrick, ativista)

O veganismo é abertamente promovido no Centro. É uma filosofia de vida motivada por convicções éticas baseadas nos direitos dos animais, que procura evitar exploração ou abuso animal, através do boicote de produtos derivados de animais e/ou que empregam o uso de animais. Alguns ramos do veganismo também condenam o uso de animais por suas consequências ambientais danosas e insustentáveis (Zamir, 2004; McGrath, 2000). Os entrevistados demonstraram a importância da alimentação vegana como sendo menos

prejudicial para o meio ambiente do que a dieta comum, como explicitado a seguir:

“A comida que servimos é vegana, que por princípio tem menos impacto negativo sobre o meio ambiente do que uma dieta de origem animal.” (Paul, ativista).

“O café só compra comida vegana. (...) Sim, mas eu acredito que a comida fala por si, uma outra maneira é possível, uma vida vegana é uma alternativa viável e mais amigável a terra.” (Edriac, voluntário).

Os resultados revelam um nível de crítica em relação à divulgação do estilo de vida vegano. Um dos entrevistados acredita que o centro articula uma mensagem política somente através da cozinha vegana, mas ele acha que o centro não tenta educar as pessoas diretamente sobre o sistema alimentar através do Seomra Café. Outro entrevistado fez severas críticas afirmando que existem conflitos não resolvidos e tensões internas, porque existem produtos de origem animal sendo utilizados no preparo da comida.

Resultados de Aprendizagem Social em Seomra Spraoi

O segundo aspecto que a pesquisa verificou é se as geografias autônomas são espaços onde a aprendizagem social ocorre. Essa aprendizagem acontece de maneira informal, orgânica e experimental, ao invés de uma forma estruturada ou pré-definida. Os resultados foram obtidos através da análise da dinâmica social e da interação entre as pessoas nos projetos da Oficina de Bicicleta e do Seomra Café.

Os resultados da Oficina de Bicicleta confirmam a hipótese desta pesquisa, pois o projeto recebeu somente avaliações positivas de 6 entrevistados quando questionados se acreditam que a oficina é um



lugar onde as pessoas possam co-criar, colaborar, aprender e compartilhar habilidades. O principal foco da Oficina de Bicicletas é ensinar a habilidade de consertar uma bicicleta, e para isso, eles têm uma equipe de profissionais e de não-profissionais de mecânicos de bicicleta para apoiar os usuários no processo de aprendizagem para consertar uma bicicleta ou para construir uma bicicleta por si mesmos. Esse processo pode inicialmente causar uma confusão por causa da dinâmica inerente ao processo: é uma transferência de competências, não é um serviço o qual se paga.

Você pode ver as pessoas passarem por esse tipo de confusão quando elas vêm aqui. É fascinante observar (...) Você está falando com alguém, como funciona a oficina e elas falam, você sabe... 'Bem, quanto custa isso?' Bem, o quanto você precisa disso? Se você precisar muito, então você pode tê-lo! O foco está nas necessidades e isso muda o tipo de dinâmica entre um cliente e um fornecedor de serviços, nas quais a troca é apenas monetária realmente. Mas às vezes as pessoas vêm aqui e você pode ver que elas estão presas a uma mentalidade de ser cliente e usuário do serviço. E às vezes você tem que ser muito explícito com as pessoas e dizer: 'Eu não estou aqui para fazer isso por você, eu estou aqui para ajudá-lo a fazer por si mesmo ou para mostrar-lhe como fazer.' (Bart, ativista)

A idéia de transferência de habilidades é que você aprenda para que passe para outras pessoas, de modo que a habilidade e a aprendizagem se mantenham em circulação, beneficiando toda a comunidade envolvida no processo. Os resultados do Seomra Café e do Food Action mostram que há opiniões divergentes em relação à aprendizagem e à partilha de competências. Um entrevistado disse que o Food Action faz campanhas de sensibilização

e oficinas sobre o sistema alimentar. Dois entrevistados acreditam que o fato deles servirem comida vegana é uma maneira de incentivar as pessoas a pensarem criticamente sobre o que comem. No entanto, a partilha de habilidades não acontece em todo o seu potencial e não incita visitantes ou usuários a se envolverem na cozinha devido à falta de organização e a conflitos internos não resolvidos. Seguindo essa linha, os resultados também revelam um desequilíbrio de poder dentro do grupo que organiza a cozinha, o que impede processos mais colaborativos.

Em várias conversas informais que tive com usuários regulares (n= 5) do Seomra Café, eles disseram que a razão pela qual frequentam o café é mais para socializar do que pela comida em si. A comida funciona como um meio de aproximar pessoas, mas não necessariamente porque elas são veganas. Em outras conversas com usuários (n= 3) do Seomra Café, eles afirmaram que vêm para apoiar o Centro, comer pratos que correspondam à sua ética alimentar e conhecer outras pessoas veganas.

Resultados do questionário Estilo de Vida Sustentável

Este questionário foi aplicado em um contexto de geografias autônomas, onde muitos participantes consideram-se anti-capitalistas, afirmando que a causa da crise ambiental e humana é o próprio capitalismo. Essa postura foi confirmada nesta pesquisa, na pergunta sobre qual o problema mais importante que o mundo enfrenta hoje. A palavra mais mencionada foi 'capitalismo'. Este posicionamento anti-capitalista é traduzido em várias práticas anti-consumistas, como 'bin-diving' para alimentos; reduzindo deliberadamente (ou não consumindo) qualquer tipo de



produto derivado de animais; uso de bicicleta como meio de transporte e muitas outras práticas que constituem um estilo de vida que, direta ou indiretamente, têm menos impacto sobre o meio ambiente, especialmente em relação à alimentação e ao transporte, do que a de um consumidor comum. Pode-se encontrar elementos dessas atitudes ao longo desta pesquisa. É fundamental ressaltar, porém, que alguns dos participantes não são necessariamente voluntários, ativistas ou não estão envolvidos ou nunca visitaram o Centro (n= 42), mas em geral, são pessoas que mostram interesse em Centros Sociais Autônomos.

O perfil dos participantes mostra que 52,8% são do sexo masculino e 47,2% são do sexo feminino. Os participantes têm entre 25 e 34 anos de idade (48%) e são pessoas altamente instruídas, com muitas possuindo títulos de mestrado e doutorado (78%). Elas / eles têm alto nível de preocupação com questões ambientais (65%) e as suas principais opções de transporte são bicicleta (35%) e caminhada (23%).

Comparando os resultados desta pesquisa com os da pesquisa sobre o Estilo de Vida Irlandês, onde 63% dos entrevistados se sentem *um pouco* preocupados e 23% sentem-se *muito* preocupados com o meio ambiente (Lavelle & Fahy, 2012), 65% dos apoiadores do Seomra Spraoi se sentem *muito* preocupados e 33% sentem-se *um pouco* preocupados com o meio ambiente. Os resultados mostram que o nível de preocupação ambiental entre os participantes é 42% maior do que o da população irlandesa. No total, 73% acreditam que Seomra Spraoi incentiva, direta ou indiretamente, um estilo de vida sustentável. Esta pesquisa também descobriu que 94% dos participantes reciclam seu lixo e 52% deles fazem compostagem.

De acordo com Lavelle & Fahy, 2012, na pesquisa sobre o estilo de vida da população irlandesa, os “níveis de preocupação ambiental foram ligeiramente maior entre os entrevistados que tinham atingido o ensino superior (89%)”. O nível de escolaridade entre os apoiadores do Seomra Spraoi é consideravelmente elevado: 78% dos respondentes completaram o ensino superior, o que poderia ser um fator de influência na consciência ambiental de uma pessoa. Os participantes foram convidados a dar a sua opinião sobre qual é o problema mais importante que o mundo enfrenta hoje. As palavras mais mencionadas foram: ‘capitalismo’ (n=40), ‘superpopulação’ (n=18), ‘alterações climáticas’ (n=17), ‘ganância’ (n=16) e ‘desigualdade’ (n=15).

Em relação ao uso de transportes, houve um forte contraste com os resultados da pesquisa na Irlanda, onde 73% dos entrevistados dependem de carro para ir para o trabalho, faculdade ou escola (Lavelle, Rau, Heisserer & Hynes, 2012). Os apoiadores do Seomra Spraoi usam principalmente a bicicleta ou caminhada como meio de transporte para os mesmos destinos (58%). Resultados semelhantes foram encontrados para os meios de transporte para fazer compras (31%) e recreação / lazer (33%). Quando questionados sobre os benefícios de andar de bicicleta, as opções mais mencionadas foram, respectivamente, o ‘exercício físico’ (19%) e a ‘proteção do meio ambiente’ (31%). Na pergunta sobre os obstáculos para o ciclismo, as principais escolhas foram ‘distância a percorrer’ (27%) e a ‘falta de ciclovias’ (22%).

Em relação aos principais locais para a compra de alimentos, apesar de considerável quantidade de respondentes destacarem o principal método de aquisição de alimentos como ‘vegetais cultivados



em casa' (n=8) e outros métodos (n=12), o principal local para a compra de alimentos entre os os participantes é o supermercado (46%).

Quando questionados sobre auto-conhecimento e mudança de comportamento motivados por razões ambientais, 44% dos participantes afirmam que 'seu próprio comportamento de consumo pessoal pode trazer um impacto positivo no meio ambiente'; 45% afirmam que podem 'mudar seu comportamento de consumo facilmente se quisessem', e 44% estariam dispostos a 'aceitar cortes nos seus padrões de vida para ajudar a proteger o meio ambiente'. Quando questionados sobre quais ações eles haviam tomado para beneficiar o meio ambiente, 66% dos participantes disseram que assinaram uma petição sobre uma questão ambiental nos últimos cinco anos. Os resultados para os mesmos temas na pesquisa irlandesa mostrou resultados com 20 a 25% menos concordância com as frases citadas acima. Estes resultados corroboram a hipótese de que o nível de preocupação ambiental entre os apoiadores do Seomra Spraoi é maior do que o da população irlandesa.

CONCLUSÃO

O cenário em que as geografias autônomas operam – horizontalidade, inclusão e cooperação, combinado com alta conscientização ambiental – faz desses espaços terreno fértil para a aprendizagem social, inovações em sustentabilidade e promoção de estilos de vida sustentáveis. Essas questões ressoam com desafios do desenvolvimento sustentável, nacionais e mundiais, tais como uso de transporte e de alimentos, que no caso do Seomra Spraoi, é **abordado** no incentivo ao uso de bicicletas e no consumo de alimentos veganos.

Os projetos do Seomra Spraoi que procuram reduzir o impacto ambiental e fomentar a aprendizagem social são *de fato* a Oficina de Bicicleta e *em certa medida*, o Seomra Café. O Centro promove, portanto, uma cultura onde se compartilha o aprendizado, embasado em conscientização ambiental. Nesse sentido, geografias autônomas contribuem para a inovação e a participação inclusiva porque operam dentro de uma estrutura que permite que a inovação floresça através das pessoas envolvidas, e para as pessoas envolvidas. Como esses espaços operam normalmente fora de canais formais de inovação (universidades e institutos de tecnologia), o desafio que enfrentam agora é criar mecanismos de comunicação com uma comunidade maior e com outras esferas da sociedade civil, a fim de aumentar o número de participantes. No entanto, o perfil das pessoas que o centro atrai é de ativistas altamente qualificados e pessoas ambientalmente conscientes, o que pode ser um fator de inibição para grupos mais amplos que não desejam adotar as identidades oferecidas pela participação.

Através do desenvolvimento de um quadro teórico que verifique quais contribuições as geografias autônomas podem oferecer para o desenvolvimento sustentável local, podemos entender em profundidade como a sociedade civil se articula e como as comunidades de ativistas e espaços autônomos se organizam em direção à sustentabilidade. Para finalizar, esta pesquisa explorou o potencial de inovações em sustentabilidade; o escopo dos processos de aprendizagem social e da promoção de estilos de vida sustentáveis existentes em um centro social autônomo de Dublin, Seomra Spraoi, lançando luz sobre as possibilidades, assim como limites, da sustentabilidade em geografias autônomas. Esta



pesquisa também abordou os maiores desafios enfrentados por espaços dessa natureza e particularmente no caso do Seomra Spraoi, que se referem à resolução de conflitos internos – por meio de dinâmicas de

grupo que permitam o aperfeiçoamento das relações entre as pessoas – e à atração de um maior número de pessoas.

REFERÊNCIAS

AUTIO, M., Heiskanen, E. and Heinenon, V. (2009) Narratives of 'green' consumers — the antihero, the environmental hero and the anarchist. *Journal of Consumer Behaviour*. Vol. 8, pp. 40-53

BLACK, I. and Cherrier, H. (2010) Anti-consumption as part of living a sustainable lifestyle: daily practices, contextual motivations and subjective values. *Journal of Consumer Behaviour*. Vol. 9. Pp. 437-453.

BROWN, G. and Pickerill, J. (2009) Space for emotion in the spaces of activism. *Emotion, Space and Society*. Vol. 1, No. 12.

CASTORIADIS, C. (1991) *Philosophy, politics, autonomy: essays in political philosophy*. Oxford, Oxford University Press.

CALAIIDO (2008) About Us. Retrieved from: <http://www.iihealthfoods.com/index.php?t=2>

CHATTERTON, P. (2004) Making autonomous geographies: Argentina's popular uprising and the Movimiento de Trabajadores Desocupados (Unemployed Workers Movement). *Geoforum*. Vol. 2.

_____ (2006) Using Geography to Teach Freedom and Defiance: Lessons in Social Change from 'Autonomous Geographies'. *Journal of Geography in Higher Education*. Vol. 32, No. 3, 419-440.

CHATTERTON, P. and Pickerill, J. (2008) *Autonomous Geographies: Activism and everyday life in the city*. Final Report to ESRC. Retrieved from: http://www.autonomousgeographies.org/files/Chatterton_Pickerill_RES_0002309.pdf

_____ (2010) *Everyday activism and transitions towards post-capitalisms worlds*. Transactions of the Institute of British Geographers. Royal Geographical Society.

COX, L. (2007) Building utopia here and now? Left and working-class utopias in Ireland. *Ecopolitics Online Journal* Volume. Vol. 1 No. 1

COX, L. and Curry, L. (2010) Revolution in the air: images of winning in the Irish anti-capitalist movement. *Irish Journal of Sociology*. Vol. 18.2, pp. 86-105.

DAVIES, A. R. and Mullin, S. J. (2009) Creating a sustainable economy: examining the impact of environmentally-focused social economy enterprises on sustainable development within the 'New Economy' of Ireland. Retrieved from: <http://sustainabilityenterprise.net/LitReview.html>

GILMARTIN, M. (2009) Border thinking: Rossport, Shell and the political geographies of a gas pipeline. *Political Geography*. Vol. 28, pp. 274-282.



HERNANDEZ, J. G. (2010) A short Study of Indigenous Social Movements and the Political Ecology in Mexico and Latin America. *Journal of Management Research*. Vol. 2, No. 2: E5

HODKINSON, S. and Chatterton, P. (2006) Autonomy in the city? Reflections on the social centres movement in the UK. *CITY*, VOL. 10, NO. 3

HOLM, A. and Kuhn, A. (2011) Squatting and Urban Renewal: The Interaction of Squatter Movements and Strategies of Urban Restructuring in Berlin. *International Journal of Urban and Regional Research*. Volume 35.3, pp. 644-58.

KLEIN, N. (2001) Italy's social centres. *The Guardian*, 8 June, p. 12.

LANG, K. (2010) The Changing Face of Community-Supported Agriculture. *Culture & Agriculture*. Vol. 32, Issue 1, pp. 17-26.

LAVELLE & Fahy (2012) Background and Methodology. Retrieved from: <http://www.consensus.ie/wp/wp-content/uploads/2013/10/CONSENSUS-lifestyle-survey-background-methodology.pdf>

LAVELLE & Fahy (2012) Environmental Concern. Retrieved from: <http://www.consensus.ie/wp/wp-content/uploads/2013/10/Environmental-Concern-survey-results.pdf>

LAVELLE, Rau, Heisserer & Hynes (2012). Transport. Retrieved from: <http://www.consensus.ie/wp/wp-content/uploads/2013/10/Transport-behaviour-survey-results.pdf>

LAVELLE, Carroll & Fahy (2012) Food Consumption. Retrieved from: <http://www.consensus.ie/wp/wp-content/uploads/2013/10/Food-consumption-survey-results.pdf>

LAVELLE, Carroll & Fahy (2012) Foodwaste. Retrieved from: <http://www.consensus.ie/wp/wp-content/uploads/2013/10/Food-waste-survey-results.pdf>

LOCAL Agenda 21 (2007) Department of Environment, Community and Local Governance. Retrieved from: <http://www.environ.ie/en/Environment/LocalAgenda21/>

MONTAGNA, N. (2006) The de-commodification of urban space and the occupied social centres in Italy. *CITY*, Vol. 10, No. 3.

MUDU, P. (2004) 'Resisting and challenging neoliberalism: the development of Italian Social Centres'. *Antipode*. pp. 917-941.

PELLOW, D. N. (2007) Resisting Global Toxics: Transnational Movements for Environmental Justice. The MIT Press, London, England.

PICKERILL, J. and Chatterton, P. (2006) Notes towards autonomous geographies: creation, resistance and self-management as survival tactics. *Progress in Human Geography*. Vol. 30, No. 6, pp. 730-746.

POLDERVAART, S. (2001) Utopian Aspects of Social Movements in Postmodern Times: Some Examples of DIY Politics in the Netherlands. *Utopian Studies*. Vol. 12, No. 2, pp. 143-163.

SEN, J. (2010) On Open Space: Explorations Towards a Vocabulary of a More Open Politics. *Antipode*. Vol. 42, No. 4



SEYFANG, G. and Haxeltine, A. (2012) Growing grassroots innovations: exploring the role of community-based initiatives in governing sustainable energy transitions. *Environment and Planning C: Government and Policy*. Vol. 30, pp. 381 – 400.

SEYFANG, G. and Smith, A. (2007) Grassroots Innovation for Sustainable Development: Towards a New Research and Policy Agenda. *Environmental Politics*. Vol. 16, No. 4, p. 584-603

SEYFANG, G. and Smith, A. (2010) Grassroots Innovations – Research Briefing. Summer 2010. Page 1 – 2.

STAHLER-SHOLK, R. (2010) The Zapatista Social Movement: Innovation and Sustainability. *Alternatives*. Vol. 35, pp. 269-290.

ROOTES, C. (1999) Environmental Movements: From the local to the Global. *Journal of Environmental Politics*. Vol. 8. No. 1. Pp. 1-12.

TANG, T., Karhu, K. and Hamalainen, M. (2011) Community Innovation in Sustainable Development: A Cross Case Study. *World Academy of Science, Engineering and Technology*. Vol. 73, p. 396-403

ONU Documents (1987). The Bruntland Report. Retrieved from: http://conspect.nl/pdf/Our_Common_Future-Brundtland_Report_1987.pdf

ONU Documents (2012). Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future. Retrieved from: <http://www.un-documents.net/ocf-01.htm>

WALL, D. (2005) *Babylon and Beyond: The Economics of Anti-Capitalist, Anti-Globalist and Radical Green Movement*. Pluto Press, London, England.

WOODCOCK, G. (1962) Anarchism in Spain. *History Today*. Vol. 12. Issue 1, p22-32, 11p.

WRIGHT, S. (2002) *Storming Heaven: Class Composition and Struggle in Italian Autonomist Marxism*. London and Sterling. VA: Pluto.

ZAMIR, T. (2004) Veganism. *Journal of Social Philosophy*. Vol. 35, No. 3, pp. 367–379.

Recebido em : 03/03/2014

Aceito em: 17/04/2014